

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA  
LICENCIATURA

RAYNNI KELLY RIBEIRO AUGUSTO

**A NOTORIEDADE DAS PRÁTICAS CORPORAIS COM  
ALUNOS SURDOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO  
FÍSICA ESCOLAR**

RECIFE/2023

RAYNNI KELLY RIBEIRO AUGUSTO

**A NOTORIEDADE DAS PRÁTICAS CORPORAIS COM  
ALUNOS SURDOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO  
FÍSICA ESCOLAR**

Artigo apresentado ao Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, como requisito final para obtenção do título de Graduado em Educação Física - Licenciatura

Professor Orientador: Prof. Dr. Edilson Laurentino dos Santos.

RECIFE/2023

Ficha catalográfica elaborada pela  
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 2338/ O.

A923n Augusto, Raynni Kelly Ribeiro.  
A notoriedade das práticas corporais com alunos surdos nas aulas de  
educação física escolar/ Raynni Kelly Ribeiro Augusto. - Recife: O Autor,  
2023.  
15 p.

Orientador(a): Dr. Edilson Laurentino dos Santos.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário  
Brasileiro - UNIBRA. Licenciatura em Educação Física, 2023.

Inclui Referências.

1. Práticas corporais. 2. Alunos surdos. 3. Educação física escolar. I.  
Centro Universitário Brasileiro. - UNIBRA. II. Título.

CDU: 796

*Dedico este trabalho aos meus pais que são meu alicerce, aos meus queridos professores da graduação e a todos que me impulsionaram de forma positiva.*

*“Me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente.”*

*(Paulo Freire)*

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>10</b>
<b>3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO.....</b>	<b>13</b>
<b>4 RESULTADOS.....</b>	<b>15</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>20</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>21</b>

## A NOTORIEDADE DAS PRÁTICAS CORPORAIS COM ALUNOS SURDOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Raynni Kelly Ribeiro Augusto  
Edilson Laurentino dos Santos

### **Resumo:**

No ambiente escolar, a diversidade é um conceito que propõe a inclusão de todos os estudantes e suas diferenças em um mesmo contexto educativo. Logo, é por meio dela que os alunos passam a ter mais respeito e uma convivência pacífica com as variedades de comportamento, religião, cor e gênero. As práticas corporais tem em sua base, uma sistematização mais lúdica através das danças, lutas, esportes, ginásticas trazendo consigo a importância de ser praticada, também, por alunos portadores de necessidades especiais, presente neste estudo, alunos com deficiência auditiva, que participando ativamente das aulas de Educação física escolar terão um desenvolvimento maior em suas habilidades motoras e não só de forma ativa nas aulas mas também se sintam importantes através das interações sociais que são feitas dentro da escola.

**Palavras-chave:** práticas corporais. Alunos surdos. Educação física escolar.

### **1 INTRODUÇÃO**

Acredita-se que, é preciso que os educadores compreendam acerca da diversidade presente em suas salas de aula, se posicionem em relação a ela de forma democrática, buscando romper com os preconceitos e estigmas, contribuindo para a construção de uma escola igualitária, inclusiva, que prioriza a tolerância, colaborando assim para a formação emancipatória do educando. Neste sentido descreve Gomes (2007, p. 22-23): Políticas Públicas, Educação e Diversidade: uma compreensão científica do real - Volume 2 169 Trabalhar com a diversidade na escola não é um apelo romântico do final do século XX e início do século XXI.

Na realidade, a cobrança hoje feita em relação à forma como a escola lida com a diversidade no seu cotidiano, no seu currículo, nas suas práticas, faz parte de uma história mais ampla. Tem a ver com as estratégias por meio das quais os grupos humanos considerados diferentes passaram cada vez mais a destacar politicamente as suas singularidades, cobrando que as mesmas sejam tratadas de forma justa e igualitária, desmistificando a ideia de inferioridade que paira sobre algumas dessas diferenças socialmente construídas. Temos o direito a ser iguais sempre que a

diferença nos inferioriza, temos o direito a ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza. (Boaventura de Souza Santos, 2006, p. 316

Segundo um estudo de Lazarotti Filho et al. (2010), baseado em uma pesquisa sobre artigos, teses e dissertações, o termo “práticas corporais” é utilizado por outras áreas de conhecimento, destacando-se na Educação Física, onde significa, principalmente: jogos, esportes, dança, artes e recreação.

Ao considerarmos a Educação Física como matéria escolar, entendemos que seu objetivo principal é promover aos educandos a construção e compreensão de sua motricidade. Como disciplina, possui conteúdos e objetivos próprios que incidem sobre o ser/estar humano na sociedade com suas múltiplas dimensões, sejam elas físicas, psicológicas, afetivas, culturais, morais ou sociais (CONTI; PALMA, 2016, p. 239).

Considerando-se que as crianças têm potencial para que as habilidades motoras fundamentais sejam desenvolvidas até a idade de sete anos (GALLAHUE; DONNELLY, 2008), antes mesmo do início do Ensino Fundamental I, e que oportunidade de prática sistematizada e estruturada é crucial para a obtenção de grupos sociais veiculam através da sua cultura do corpo, bem como na ampliação das possibilidades e formas de expressão corporal das crianças. desempenho eficiente dessas habilidades, é importante examinar empiricamente estas questões. Recentemente, um programa de intervenção motora provocou melhora no nível de desenvolvimento motor de crianças de seis e sete anos (BRAGA et al., 2009).

“As pessoas com deficiência sempre foram consideradas indivíduos fora dos padrões normais pela visão histórico-cultural, que sempre emitiu perante a sociedade critérios para a normalidade; dentro do contexto histórico, os surdos sempre sofreram preconceitos e até mesmo a língua de sinais era proibida como forma de comunicação entre eles. A Educação Inclusiva surgiu em diferentes momentos, principalmente a partir da dos anos 1990; nessa mesma década começaram as discussões em torno do novo modelo de atendimento escolar denominado inclusão escolar. Foi quando ocorreu a Conferência Mundial de Educação Especial e, em 1994, foi proclamada a Declaração de Salamanca, que “define políticas, princípios e práticas da Educação Especial e influi nas políticas públicas da Educação”. A declaração explicita que a escola deve oferecer serviços adequados para atender à diversidade da população” (MANTOAN, 2003, P.97).

Formar o professor na perspectiva da Educação Inclusiva implica ressignificar o seu papel, o da escola, o da educação e o das práticas pedagógicas usuais do contexto excludente do nosso ensino em todos os níveis. [...] A inclusão escolar não



cabe em uma concepção tradicional de educação. A formação do professor inclusivo requer o redesenho das propostas de profissionalização existentes e uma formação continuada que também muda (SASSAKI, 1998, p. 8; MANTOAN, 2015, p. 81),

Segundo Gorgatti et al. (2004), a grande dificuldade para uma participação ativa dos alunos com surdez está na falta de conhecimento do professor em relação à deficiência, isso pode acarretar danos a área motora destes alunos, pois a ausência de experiências corporais diferenciadas acaba provocando problemas de equilíbrio, alteração da marcha e dificuldade de ritmo.

Segundo Melero (2007) A inclusão das pessoas com necessidades educacionais especiais na vida escolar e social supõe uma profunda mudança na maneira de pensar do professorado e uma mudança no conteúdo e nos estilos de ensinar. No caso da disciplina educação física deve ser considerada dentro do currículo como matéria formativa e não complementar.

Duarte (2003), diz que, somente a partir da última década, os cursos de Educação Física colocaram em seus programas curriculares, conteúdos relativos às pessoas com necessidades especiais e que o material didático que trata das formas de trabalho com essa população, escrito em nossa língua, é escasso.

Com princípios educacionais contrários à formação histórica supracitada, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, 1998), espera que, na prática pedagógica, os professores tenham uma ação diferente dessa formação. Recomendam que “as políticas educacionais devem ser suficientemente diversificadas e concebidas, de modo a que a educação não seja um fator suplementar da exclusão social” (p. 17). Na mesma direção, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio segundo o Ministério da Educação e do Desporto (1999) no que se refere aos conhecimentos de Educação Física, apontam que o esporte de cunho educativo deve ser trabalhado na escola e que a prática do mesmo deve atender a todos os alunos, respeitando suas diferenças e estimulando-os ao maior conhecimento de si e de suas potencialidades.

(...) os tempos mudaram e a Educação Física evoluiu. Encontra-se agora como disciplina, não mais simplesmente como uma atividade, e busca formar o cidadão trabalhando em consonância com o projeto político pedagógico da escola”. (SILVA, 2008, p.80)

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1. As práticas corporais com alunos surdos

Para Soler (2009), a prática da Educação Física Escolar inclusiva é uma tarefa complexa, visto que a história desta disciplina foi perpassada por valores de exclusão e discriminação, desenvolvendo-se sob uma cultura que marginalizava todos os que não se enquadravam nos padrões esperados. Até hoje, podemos enxergar nas mídias uma ditadura estética, valorizadora de um corpo perfeito, o que acaba refletindo nos conceitos e convicções de nossos alunos e alunas no decorrer das aulas, agindo inclusive como fator limitador da expressão dos educandos através de seu corpo.

“Educação Física é definida como uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais, como jogos, esportes, danças, ginásticas, lutas, dentre outros, constituindo um conteúdo denominado “cultura corporal”. Nesse sentido, torna-se responsável, na escola, pela compreensão desta concepção de cultura como uma produção histórica, social e política do homem. Os autores acrescentam ainda que na perspectiva da reflexão sobre a cultura corporal, a dinâmica curricular, no âmbito da Educação Física, busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 38).

Conforme preconiza Ehrenberg (2014, p. 186), “ao jogar, ao dançar, ao lutar, ao brincar, as crianças se comunicam e transformam em linguagem o movimento humano, ou seja, a cultura corporal que a criança expressa é intencional, representativa, traz sentidos e significados”.

Ferreira e Rodrigues (1997) alegam em seu estudo que devemos ouvir os discentes, saber sua opinião acerca da aula, sendo a voz do estudante de extrema importância para a construção de um ambiente com respeito às diversidades existentes, sejam sociais, físicas e econômicas. Integração envolve pessoas, embora saibamos que quem mais sofre com isso são as minorias, dependendo obviamente do contexto sócio-cultural vigente. Tanto a sociedade deve estar preparada para receber o portador de deficiência, como este para ser nela inserida. Para tal, deveremos também ouvi-lo (FERREIRA; RODRIGUES, 1997, p. 3).

Brasileiro & Marcassa (2008, p. 197) apontam que “ao lidar com a cultura corporal na escola, a Educação Física deve explorar tudo aquilo que se refere ao corpo humano, ao seu movimento e às práticas corporais, ou, mais especificamente às linguagens corporais”.

Ao desvincular a surdez da experiência da fala e da deficiência, o professor de Educação Física pode ser capaz de promover um espaço para a construção de atitudes inclusivas e de interações sociais valiosas, já que os “(...) alunos surdos possuem as mesmas capacidades motoras de seus pares ouvintes estando as maiores diferenças vinculadas às dificuldades linguísticas e às experiências vividas por cada aluno” (TORRES; GOLDFELD, 2006, p. 376).

“A Educação Física Escolar tem um papel importante na inclusão de alunos surdos, pois por meio destas aulas é possível trabalhar o aluno em sua totalidade, com o objetivo de buscar a saúde do corpo, a sensibilidade, a coordenação motora e a criatividade, ao explorar uma diversidade de habilidades e fazendo com que todos os alunos, surdos e ouvintes, socializem-se entre si, compartilhando as vivências, facilidades e dificuldades do cotidiano escolar e social, de forma lúdica e diversificada.” [...] “A linguagem corporal também pode ser utilizada como instrumento de mediação entre os surdos e os ouvintes, já que através dela é possível transmitir ideias, palavras, sentimentos e desejos através de movimentos, sendo reconhecida como um meio facilitador das interações e convivências, possibilitando uma participação autônoma do aluno surdo no contexto das aulas. Com isso, a vivência do trabalho de expressão corporal com o surdo nas aulas de Educação Física pode contribuir no desenvolvimento linguístico destes educandos e também na formação de diferentes aspectos relacionados à comunicação e interação social destes indivíduos em seu meio’ (GÓES, ALVES & JUNIOR, 2012; MARTINS; MARQUES, 2013).

As aulas de Educação Física podem ainda ser um espaço para iniciar mudanças de comportamento relacionadas à educação de surdos dentro da escola, e o professor tem um papel importante nesse processo, que deve ser assumido com responsabilidade (ALMEIDA; SOUZA, 2015)

“(...) a educação inclusiva vai muito além da presença física do aluno na escola. Ela tem que assegurar uma aprendizagem significativa que favoreça a relação, a percepção e a interação do educando no e com o mundo. A inclusão tem que deixar de ser um lema, um fim em si mesma, para tornar-se uma atitude da sociedade como um todo, pautada na responsabilidade solidária para o bem comum e no compromisso político da intencionalidade das ações efetivas”. (ALVES, 2008, p.104)

## **2.2. A inclusão de alunos surdos em aulas de Educação Física Escolar**

De acordo com a federação nacional de educação e integração de surdos (FNEIS), a integração plena da pessoa surda não passa necessariamente pela inclusão desta em classes do ensino regular, mas na garantia do convívio em um espaço, onde não haja repressão de sua condição de surdo, permitindo a este se expressar de maneira que mais lhe satisfaça, mantendo situações prazerosas de comunicação e aprendizagem.

Atualmente, as propostas de educação para pessoas com necessidades educacionais especiais variam desde a ideia de inclusão total, onde todos os alunos devem ser educados na escola regular, até a ideia de que a diversidade de características implica a existência e a manutenção de uma variedade de serviços e de opções (PALHARES & MARINS, 2002).

Segundo Moreira (2004) não quer dizer que a educação física seja mais importante que as outras disciplinas, mas mostra que ela deveria ter o mesmo grau de importância das outras disciplinas, já que também faz parte do processo de formação dos cidadãos.

Para Palhares e Marins, (2002) a educação física escolar também deve focar a diversificação das atividades, a fim de que as crianças percebam a diferença de seus desempenhos nas várias atividades, sem a conotação de fracasso ou incapacidade.

Na ponderação de Paiano (1998) a educação física precisa justificar sua presença no meio escolar através de um trabalho inovador que considere o indivíduo como um ser complexo, uno, que se expressa de maneira muito singular, permitindo a manifestação dessa diferença. Sendo assim, é importante incluir o aluno surdo nas aulas de forma igualitária aos demais colegas, sem qualquer tipo de discriminação por parte discente ou docente.

Como destacam Palhares e Marins (2002) pensar a educação inclusiva no contexto atual é compreender que esse discurso se amplia na mesma velocidade em que aumenta a exclusão social, os valores e as práticas que alicerçarão uma sociedade, uma educação ou uma escola verdadeiramente inclusiva estão por constituir na prática.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394\96, inciso 3º: "A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é

componente curricular obrigatório da Educação Básica. Com base no que foi colocado, o professor de educação física deve conhecer as características, as necessidades, e as possibilidades de cada aluno e de cada grupo em que trabalha. Existe uma infinidade de fatores que influenciam na aprendizagem e na permanência das crianças com necessidades educacionais especiais na escola. O que não existe são métodos prontos ou perfeitos que se aplique no processo de inclusão, isso cabe ao professor a responsabilidade em combinar diferentes procedimentos para transpor barreiras e assim promover a aprendizagem”.

### **3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO**

Foi realizado um estudo de natureza qualitativa, já que a pretensão não é de quantificar os dados, mas analisá-los os sentidos e significados. Conforme Minayo (2010) a pesquisa qualitativa:

Se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001).

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica para identificar estudos que tratam do tema investigado. Esse tipo de pesquisa é elaborada por meio de trabalhos já executados por outros autores, cujos interesses conferidos; eram os mesmos. Gil (2010) aponta as suas vantagens afirmando que:

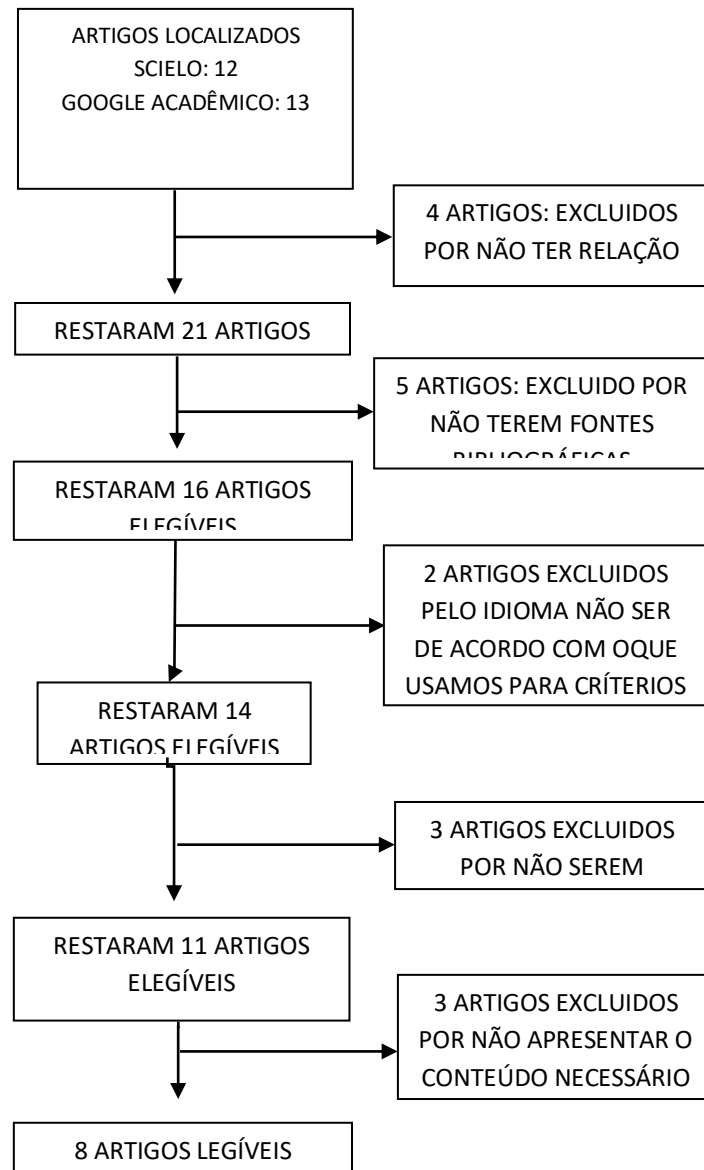
A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários (GIL, 2010).

Para conhecer a produção do conhecimento acerca da Notoriedade das Práticas corporais com alunos surdos nas aulas de educação física escolar foi realizado um levantamento bibliográfico nas bases de dados eletrônicas scielo e google acadêmico. Como descritores para tal busca, foram utilizados os seguintes descritores “Práticas corporais, alunos surdos, educação física escolar.”, e os operadores booleanos para interligação entre eles foram: AND e OR.

Os critérios de inclusão do uso dos artigos foram: 1) estudos publicados dentro do recorte temporal de 1996 a 2016; 2) estudos com conteúdo dentro da temática estabelecida; 3) artigos na Língua Portuguesa (ou outra língua); 4) artigos originais. Os critérios de exclusão do uso dos artigos foram: 1) estudos indisponíveis na íntegra; 2) estudos com erros metodológicos; 3) estudos repetidos.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

*Figura 1 Fluxograma de busca dos trabalhos*



**Quadro 1:** Foram utilizados 9 artigos para resultados e discussões.

<b>AUTORES</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>TIPO DE ESTUDO</b>	<b>POPULAÇÃO INVESTIGADA</b>	<b>RESULTADOS</b>
<b>DUARTE, E.; LIMA, S. M. T. (2003)</b>	o investigar os significados da inclusão de pessoas com necessidades especiais nas aulas de educação física no sistema regular de ensino	Experimental	Alunos com necessidades especiais no Ensino Fundamental.	A Educação Especial não é um subsistema e as unidades escolares devem ter um conjunto de recursos que devem ser organizados e disponibilizados para que todos os alunos possam desenvolver suas competências com respeito e dignidade.
Clark, 2007; Gallahue & Donnelly, 2008	Compreender qual o efeito de determinadas experiências motoras no desenvolvimento das habilidades motoras básicas.	Experimental	Professores e suas metodologias com alunos.	As metodologias aplicadas foram importantes pro desenvolvimento da criança, contribuindo para a melhora dos aspectos no desenvolvimento e nas habilidades.
Ferreira e Rodrigues (1997)	compreender quais os facilitadores e as limitações do processo de inclusão escolar no Brasil na visão dos professores	Experimental	Professores da Educação Básica	os fatores que interferem no processo de inclusão escolar, destacando o desconhecimento dos professores sobre a política de inclusão e sobre as capacidades e limitações do aluno no que tange a deficiência e os interesses pessoais, a falta de recursos oferecidos pelo poder público para efetivação de suas ações, e a falta de profissionais especializados na área de educação especial para o suporte aos professores.
Moreira (2004)	Verificar as aproximações dos conteúdos da Educação física com as demais áreas do conhecimento, averiguando como são sistematizadas e estruturadas.	Experimental	Professores de Educação Física Escolar.	É possível aprimorar o processo de ensino aprendizagem, uma vez que se viabilize a participação ativa dos alunos, ao somarem seus conhecimentos sociais e culturais aos conteúdos técnicos científicos apresentados.
<b>Melero M,</b>	De mais estudos	Experimental	Alunos com	A consciência em buscar



L. A (2007)	a cerca da inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais nas aulas de educação física.		Surdez.	alternativas para que se possa atender a estas crianças deve ser de responsabilidade e comprometimento do professor que precisa atender as expectativas e especificidades de cada aluno.
Pauano (1998)	Incluir os alunos surdos na perspectiva das aulas inovadoras de Educação Física	Experimental	Alunos com Surdez	A inclusão destes alunos causou de forma positiva nas atividades realizadas no ambiente escolar.
Palhares e Marins, (2002)	Necessidade de construir uma sociedade inclusiva, em que entre outros, o direito à educação seja garantida com ajuda da consultoria técnica.	Experimental	Alunos da Educação Básica	No final do período contratado para consultoria, a prática cotidiana nos mostrou que esse caminho da colaboração através da consultoria é fundamental para consolidação de projetos inclusivos.
Soler (2009)	Ter uma educação física escolar inclusiva.	Experimental	Alunos Portadores de necessidades especiais.	A escola deve ser estruturada visando à formação crítico-reflexiva e ativa do aluno na construção da sua identidade e da sua cidadania (...)

#### 4.1 Análises e discussões (dos artigos selecionados)

Duarte (2003), diz que, somente a partir da última década, os cursos de Educação Física colocaram em seus programas curriculares, conteúdos relativos às pessoas com necessidades especiais e que o material didático que trata das formas de trabalho com essa população, escrito em nossa língua, é escasso.

Prática estruturada ou organizada é a atividade propiciada às crianças e adolescentes com objetivos compatíveis com o nível desenvolvimental esperado para a respectiva idade das crianças e adolescentes. As atividades propiciadas pelo professor devem ser organizadas de forma a garantir que habilidades motoras sejam adquiridas e refinadas de acordo com o esperado para a idade da criança. Portanto, atividades organizadas pelo professor devem ser estruturadas para garantir que o desenvolvimento pleno seja alcançado, considerando as necessidades e

competências motoras esperadas nos respectivos períodos desenvolvimentais (Clark, 2007; Gallahue & Donnelly, 2008).

Ferreira e Rodrigues (1997) alegam em seu estudo que devemos ouvir os discentes, saber sua opinião acerca da aula, sendo a voz do estudante de extrema importância para a construção de um ambiente com respeito às diversidades existentes, sejam sociais, físicas e econômicas. Integração envolve pessoas, embora saibamos que quem mais sofre com isso são as minorias, dependendo obviamente do contexto sócio-cultural vigente. Tanto a sociedade deve estar preparada para receber o portador de deficiência, como este para ser nela inserida. Para tal, deveremos também ouvi-lo (FERREIRA; RODRIGUES, 1997, p. 3).

Segundo Moreira (2004) não quer dizer que a educação física seja mais importante que as outras disciplinas, mas mostra que ela deveria ter o mesmo grau de importância das outras disciplinas, já que também faz parte do processo de formação dos cidadãos.

Segundo Melero (2007) A inclusão das pessoas com necessidades educacionais especiais na vida escolar e social supõe uma profunda mudança na maneira de pensar do professorado e uma mudança no conteúdo e nos estilos de ensinar. No caso da disciplina educação física deve ser considerada dentro do currículo como matéria formativa e não complementar.

Na ponderação de Paiano (1998) a educação física precisa justificar sua presença no meio escolar através de um trabalho inovador que considere o indivíduo como um ser complexo, uno, que se expressa de maneira muito singular, permitindo a manifestação dessa diferença. Sendo assim, é importante incluir o aluno surdo nas aulas de forma igualitária aos demais colegas, sem qualquer tipo de discriminação por parte discente ou docente

Para Palhares e Marins, (2002) a educação física escolar também deve focar a diversificação das atividades, a fim de que as crianças percebam a diferença de seus desempenhos nas várias atividades, sem a conotação de fracasso ou incapacidade.

Para Soler (2009), a prática da Educação Física Escolar inclusiva é uma tarefa complexa, visto que a história desta disciplina foi perpassada por valores de exclusão e discriminação, desenvolvendo-se sob uma cultura que marginalizava todos os que não se enquadravam nos padrões esperados. Até hoje, podemos

enxergar nas mídias uma ditadura estética, valorizadora de um corpo perfeito, o que acaba refletindo nos conceitos e convicções de nossos alunos e alunas no decorrer das aulas, agindo inclusive como fator limitador da expressão dos educandos através de seu corpo.

Souza (2003), num estudo que realizou com 5 participantes (professores de educação física) sobre o tema *inclusão do educando com deficiência no ensino regular da escola pública*, diz que a inclusão implica em gestão democrática na escola e que, numa sociedade que gera e administra uma legião de excluídos, com prioridades sociais competitivas, discutir inclusão torna-se tarefa bastante embaraçosa e difícil.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A inclusão dos alunos surdos nas aulas de educação física, tem sido motivo de grandes debates de como a didática, o planejamento e os parâmetros curriculares podem facilitar a compreensão das práticas corporais com esses alunos dentro do ambiente escolar. É de extrema importância que o aluno surdo não só participe das aulas mas se sinta importante nos momentos de interação que acontece dentro do campo escolar.

As aulas estruturadas vão garantir o desenvolvimento dos alunos surdos, através das práticas trazer um interesse e um bom convívio num espaço como este. Essas atividades vão proporcionar descoberta das habilidades, aflorar a criatividade e trazer desenvolvimento educacional.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, J. S. **Educação Inclusiva: Jogos para o Ensino de Conceitos**. 1ª. ed. Campinas: Papyrus Editora, 2004.
- AGUIAR, J. S. **O Jogo no Ensino de Conceitos a Pessoas com Problemas de Aprendizagem: Uma Proposta Metodológica de Ensino**. 2002. 71f. (Pesquisa de Pós-Doutorado em Educação Especial) – Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos
- ALVES, C. N. **O coordenador pedagógico como agente para a inclusão**. In: In: SANTOS, M. P. dos & PAULINO, M. M. (Orgs). *Inclusão em Educação: culturas, políticas e práticas*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 83-106.
- CAMPOS, M. de L. I. L. **Educação Inclusiva para Surdos e as Políticas Vigentes**. In: LACERDA, C. B. F. de & SANTOS, L. F. dos (Orgs). *Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à LIBRAS e educação de surdos*. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p. 37-61.
- DAÓLIO, Jocimar. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.
- DUARTE, E.; LIMA, S. M. T. **Atividade Física para Pessoas com Necessidades Especiais: Experiências e Intervenções Pedagógicas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S. A., 2003.
- FERREIRA, A. I. F.; RODRIGUES, J. L. **Integração: um caminho de mão dupla**. Revista Sobama, v.2, n.2, p. 1-3, nov., 1997
- GALLAHUE, David. L.; DONNELLY, Francês, C. **Educação Física Desenvolvimentista para todas as crianças**/David Gallahue, Francês Cleland Donnelly; [tradução Samantha Prado Stamatiu, Adriana Elisa Inácio]. 4 ed. – São Paulo: Phorte, 2008.
- HENRIQUE, J. e JANUÁRIO, C. **Educação Física escolar: a perspectiva de alunos com diferentes percepções de habilidade**. Revista Motriz, Rio Claro, 2005
- HILDEBRANDT-STRAMANN, Reiner. **Textos pedagógicos sobre o ensino da Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2001.
- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – versão atualizada.

Melero M, L. **A Educação Física e as Pessoas com Deficiência: Outro Modo de Culturização Para a Melhora da Qualidade de Vida.** Faculdade de Educação da Universidade de Málaga, 2007.

MORERIA, W, W. **Educação Física: intervenção e conhecimento científico.** Editora Unimep, 2004.

OLIVEIRA, Adriane Silva de Abreu; ABREU, Cristiana Silva de; BRAUNA, Mayara Priscila; OLIVEIRA, Neuzenir Silva de Abreu; OLIVEIRA, Santino de. **Educação Especial: os desafios da inclusão de alunos surdos no contexto escolar.** *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, nº 18, 17 de maio de 2022.

PAIANO, R. **Ser ou não fazer: o desfazer dos alunos de Educação Física e as perspectivas de reorientação da prática pedagógica do docente.** Dissertação de Mestrado. 1998.

**Parâmetros curriculares nacionais:** Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

Palhares, M. S. & Marins, S. (2002). **Escola inclusiva.** São Carlos: EdUFSCar.

SANTIN, S. **Educação Física: da alegria á opressão do rendimento.** Porto Alegre, EST, 2001

SILVA, A. C. da. **A representação social da surdez: entre o mundo acadêmico e o cotidiano escolar.** In: LODI, A. C. B.; MÉLO, A. D. B. de & FERNANDES, E. (Orgs.). **Letramento, Bilinguismo e Educação de Surdos.** 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015, p. 89-104.

SOARES, Carmen Lúcia. **Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX.** Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

SOLER, R. **Educação Física inclusiva na escola: em busca de uma escola plural.** 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2009.

TREBELS, Andréas H. **Plaidoyer para um diálogo entre teorias do movimento humano e teorias do movimento no esporte.** Aprendizagem Motora, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Vol. 13- Número 13- Jun. 1992 (338-334).

TEZANI, T. C. R. **Os caminhos para a construção da escolainclusiva: a relação entre a gestão escolar e o processo de inclusão.** 2004. 207f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Deus, segundo meus pais que sempre se esforçaram para me manter na faculdade e por sempre acreditar na minha dedicação e responsabilidade.

A meu orientador Edilson que me instruiu com muita sapiência. E que me inspirou muitas vezes no processo lindo e inspirador que é seguir o caminho da Educação

Aos meus professores, amigos e familiares que me apoiaram de forma impulsiva.